

## Culpa e castigo: sombras, traços e contornos

Rodrigo Cunha



**Filme traz roupagem contemporânea para drama psicológico de um clássico da literatura universal**

Há 20 anos, o diretor Robert Zemeckis inovou o gênero de filmes infantis, ao mesclar desenho animado e atores reais em *Uma cilada para Roger Rabbit*. Imagine uma mescla como essa, mas com traços de quadrinhos adultos em estilo *underground*, um filme escuro, praticamente sem cores, inspirado num drama psicológico do porte de *Crime e castigo* (Dostoiévski, 1866). Assim é *Nina*, primeiro longa-metragem do diretor Heitor Dhalia, lançado em 2004 e vencedor de prêmios internacionais como o da Crítica, no Festival de Moscou; o de Melhor Direção, no Festival de Nova York; e o de Melhor Fotografia no Festival de Lima.

Apesar da ousadia da proposta e da aclamação em festivais, é bom frisar que o próprio diretor reconhece não ter tido a pretensão de adaptar *Crime e castigo*, e considera seu filme uma espécie de “caderno de anotações” sobre essa obra de Dostoiévski. Quem amarra a trama em *Nina* é a personagem Eulália. Segundo a atriz Myriam Muniz, que rouba a cena ao interpretá-la, Eulália é a encarnação de um dos sete pecados capitais, a avareza. Ela povoa os pesadelos da protagonista Nina com diferentes versões de como poderia ser assassinada. É aí que entram os desenhos, feitos pelo autor de quadrinhos adultos e sombrios [Lourenço Mutarelli](#). Eles pontuam no filme os momentos em que o ódio alimenta as alucinações de Nina, ela própria também desenhista. A velha Eulália, que aluga um quarto para Nina, está sempre cobrando o pagamento do aluguel atrasado e impede que sua inquilina consuma os produtos de sua geladeira sem que contribua com as despesas.

Pode-se dizer que Nina vive uma espécie de tormento, de castigo, que precede o seu crime (e em tese, só cessaria com ele): ela sofre a punição de ser humilhada por Eulália, por sua escolha de não se enquadrar às regras e aos padrões da sociedade contemporânea. Um exemplo disso é quando abandona um emprego de garçomete em uma lanchonete, ao não suportar as exigências de clientes que vê como porcos em sua mente ainda perturbada pela noite não dormida e agitada em uma festa com drogas e música eletrônica. Algo tão *underground* quanto seus sonhos e desenhos – os dela e de Mutarelli. O seu castigo após o crime – o sentimento de culpa e de auto punição que está no cerne de *Crime e castigo* – é diluído nessa personagem próxima da fronteira com a loucura, de quem só temos um recorte de sua vida, com fragmentos do passado em meio às suas alucinações.

Quando esses delírios não recaem sobre a figura de Eulália e as possíveis formas de matá-la, eles distinguem-se da realidade pelo preto e branco (quase sépia) das imagens. Nessas cenas, aparecem ora homens espancando um cavalo – pesadelo que afligiu o jovem estudante Raskolnikóv, protagonista de *Crime e castigo* – ora uma menina, supostamente Nina em sua infância, e outras pessoas que talvez tenham feito parte de sua história, à qual o espectador não tem acesso. Não se sabe, por exemplo, se essa recordação está ligada a algum trauma de infância, já que não há nenhuma pista sobre isso no filme. Assim como não sabemos o que levou Nina a se tornar inquilina de Eulália e se sujeitar a toda a humilhação pela qual passa. Sabemos apenas que ela recebe eventualmente ajuda financeira da mãe – confiscada pela sua credora –, assim como a mãe de Raskolnikóv o ajuda como pode.

A falta de dinheiro também atormenta Raskolnikóv; mas seu propósito de matar a velha mesquinha e sovina Alena Ivanovna, equivalente à Eulália na obra de Dostoiévski, não é apenas para se livrar de um problema pessoal, como a cobrança de uma dívida e a necessidade de matar a fome, a qual, no caso de Nina, só aumenta com a interdição da geladeira. O crime de Raskolnikóv tem motivações altruístas: ele espera corrigir um erro no equilíbrio do mundo ao eliminar Alena, que explora sua irmã Isabel Ivanovna. Com o dinheiro da velha, que planeja roubar após o assassinato, ele pensa poder dispensar a ajuda da mãe e da irmã para continuar os estudos e conseguir meios para servir à coletividade, para ser útil aos outros.

Nina também tem seu altruísmo, baseado em uma certa amoralidade: ela abre mão de finalmente saciar a sua fome e ajuda uma prostituta que estava sendo humilhada por um taxista – cena inspirada em um ato semelhante de Raskolnikóv. Porém Nina a ajuda com o dinheiro que roubou de um cego com quem fez sexo, após ter se recusado a aceitar a sugestão de uma amiga de vender seu corpo para resolver seu problema financeiro, por achar que ninguém pagaria para vê-la nua. (Nesse pensamento torto, pode-se supor que para Nina, o cego poderia pagar pelo sexo com ela, já que não veria seu corpo; mas o que ocorreu entre eles não foi um acerto, e sim um roubo).

Em relação ao assassinato das velhas (a Eulália, no filme, e Ivanovna, no livro), a auto punição dos protagonistas têm suas distinções: enquanto Raskolnikóv se tortura, não por arrependimento, mas na tentativa de convencer a si próprio, pelo raciocínio lógico, de que não cometeu um crime – o que não o liberta do sentimento de culpa; Nina se auto aprisiona na casa de Eulália, com medo de que alguém descubra o assassinato. E paradoxalmente ela parece encontrar sua redenção somente quando uma amiga/amante encontra uma suposta confissão em seu caderno de desenhos e anotações – inspirado no diário de Raskolnikóv. Já o protagonista de *Crime e Castigo* redime-se pelo amor a uma prostituta e em reflexões filosóficas acerca de sua leitura do evangelho.

O fundo moral e religioso que está na base de toda forma de punição, inclusive o auto flagelo, é uma ausência significativa no filme de Heitor Dhalia. Para o representante do realismo russo Dostoiévski, isso não entrou em sua obra por acaso e faz parte de sua própria história de vida. Ainda adolescente, ele experimentou um sentimento de culpa semelhante ao de Bentinho, protagonista de *Dom Casmurro*, no capítulo “Um pecado” desse romance do também realista Machado de Assis. Forçado a se internar em um seminário contra sua vontade, como pagamento de uma promessa da mãe, Bentinho recebe no internato a notícia de que sua mãe estava doente e queria vê-lo em casa; por um instante tão breve quanto um relâmpago, ele pensa “Mamãe defunta, acaba o seminário”, mas logo se penitencia com 2 mil padres-nossos (que, contudo, não cumpre).

Na infância de Dostoiévski, a brutalidade de seu pai o fez desejar que ele morresse; e quando, adolescente, recebeu a notícia de que o pai havia sido assassinado por camponeses e sentiu-se responsável pelo crime e por ter desejado a sua morte. Anos mais tarde, não tanto por sua obra, mas por ter participado de um grupo socialista revolucionário, foi preso e condenado à pena de morte. O imperador Nicolau I amenizou a sentença e enviou os detentos para a Sibéria, para onde Dostoiévski levou apenas um evangelho e onde conviveu com a variedade e a humanidade de criminosos. Eis a base do livro que inspirou *Nina*.

Filme: *Nina*

Direção: Heitor Dhalia

Brasil, 2004